

Resumo

A presente reflexão retoma as ideias desenvolvidas e publicadas na CREatividade, em 2015 e em um dos capítulos do livro *Cultura Religiosa* três anos depois. Mais do que simplesmente reproduzir o trabalho, buscou-se atualizar os desafios à fé, reafirmando-a como semente de esperança e seiva a nutrir ações transformadoras da realidade. O texto segue uma proposta objetiva com a finalidade de inspirar a espiritualidade libertadora e provocar a reflexão em torno da responsabilidade e práxis política e social da Igreja.

Palavras-Chave: fé cristã; Igreja, responsabilidade política, compromisso social.

Introdução

Faço nesta reflexão uma nova visita ao texto publicado pela CREatividade, em 2015 e incluído no livro *Cultura Religiosa: diálogos*², por ocasião da comemoração dos dez anos desta Revista. A proposta aqui, contudo, não é mera recordação do trabalho, sendo antes uma atualização do assunto para apresentação na XIII Semana da CRE, considerando sua pertinência para o tema do evento *Cidadania Plena: Democracia, Justiça, Direitos e Deveres*.

Bem da verdade que a ideia inicial dessa abordagem aflorou há mais tempo, logo no início da primeira década de 2000, quando diante da conjuntura da época destaquei o neoliberalismo e a globalização, a cultura de consumo e a exclusão social como alguns aspectos desafiadores para a Fé Cristã. Praticamente vinte anos depois, na primavera do ano de 2022, podemos somar alguns outros desafios e a reafirmação do sentido da Fé. Portanto, o que se seguirá serão alguns apontamentos nessa direção reafirmando esse sentido e atualizando os desafios.

Fé Cristã: memória subversiva, seiva que nutre e semente de esperança

Retomando as definições anteriores, em sentido amplo, antropológicamente falando, fé é uma necessidade humana que nos impulsiona a ir adiante, esperançosamente diante da realidade da vida, seguindo a esteira sugerida por Gilberto Gil: “andar com fé eu vou, a fé não costuma falhar”. Porém, nessa esteira proposta, não necessariamente o que motiva como fé é decifrável, sendo

¹ Gerson Lourenço Pereira, Doutor em Teologia pela PUC-Rio, Bacharel em teologia, licenciando em Ensino Religioso e História. Confissão metodista, participante do Grupo de Estudos Místicos Moradas (PUC-Rio) e de Espiritualidade e Saúde Religiosas (UERJ). Autor de artigos e capítulos de livros, além de professor em disciplinas nas áreas do diálogo inter-religioso, ecumenismo, mística e espiritualidade, política e religião, ciência da religião e ensino religioso na rede pública de São João de Meriti. Participa e atua em debates e atividades acadêmicas envolvendo temas como fenômeno religioso, espiritualidade, religião e sociedade, diálogo inter-religioso e ecumênico, educação.

²Cf. PEREIRA, Gerson Lourenço. O desafio da dimensão social e política da fé. In: SUCUPIRA, J., BELLOCCHIO, J., CAMPOS, M. e COSTA, R. (orgs.) *Cultura Religiosa. Diálogos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2018, pp. 35-44

antes uma arte comumente praticada por quem vivencia situações de desumanidade. Como disse Hebert Viana, é a “arte de viver da fé, só não se sabe fé em que” (Pereira, 2018, p.35).

Em perspectiva cristã consistiria em “perceber a presença libertadora de Deus no interior da história, no meio dos conflitos e lutas sociais e pessoais” (Sung, 2005, p.11). Partiria do que Johann Baptist Metz denominou de “memória subversiva” (2007), como seiva que nutre a espiritualidade libertadora. Nesse sentido, a Fé também seria a semente de esperança lançada sobre as realidades refratárias, fazendo aflorar experiências eclesiais concretas que se encontravam “latentes”, usando as categorias de Paul Tillich (2006, p.51-69), ou “não religiosas”, se preferirmos as categorias utilizadas por Dietrich Bonhoeffer (2003, p. 371-372). Fé que se desenvolverá na solidariedade, na entrega e na participação da ação vicária de Cristo que se revela naqueles/as que sofrem.

Curiosamente, o ano de 2022, marcado pelos centenários de nascimento de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro figuras emblemáticas da política e educação brasileiras, assim como da *Semana de Arte Moderna* e da fundação do *Partido Comunista Brasileiro* -, também registra a memória de um marco para o segmento evangélico inclinado para o compromisso social da Igreja. Estamos nos referindo à *Conferência do Nordeste*, realizado pela *Confederação Evangélica Brasileira*, há 60 anos, sob o tema *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. (Cf. Adriano Filho e Rosa, 2012)

Por que esse registro? Por se tratar de uma manifestação concreta da seiva da fé que alimenta a espiritualidade libertadora, influenciando seis décadas depois outras gerações de protestantes ecumênicos e engajados nas lutas pela transformação das realidades, semeadores/as de esperança. Mesmo tendo sido dissolvida no período ditatorial do País iniciado pelo Golpe de 1964 (dois anos depois da Conferência), as reflexões e inquietações lançadas de Confederação Evangélica deixaram um legado imprescindível para os movimentos progressistas e ecumênicos nacionais.

Semear e nutrir são ações que muitas vezes não aparecem, mas são fundamentais para que mudanças aconteçam. Mas de que mudanças necessitaríamos hoje? Vejamos alguns novos desafios para a dimensão social e política da fé.

Atualizando os desafios

Aqueles desafios enumerados na edição de 2015 desta mesma Revista eram decorrentes da conjuntura socioeconômica e política da época - a saber: o neoliberalismo e a globalização econômica, a cultura de consumo e a exclusão social - e não perderam sua pertinência. Permanecem como imperativos pastorais, diria eu, por serem próprios da contemporaneidade sem um prognóstico que apresente um termo imediato, pautando assim o testemunho cristão. Com algumas distinções na conjuntura atual, ainda convivemos dentro de um sistema econômico neoliberal, sustentado pela cultura de consumo e gerador da exclusão social, que se apresenta de forma mais aguda.

Todavia, a agudeza da exclusão social provoca hoje novas discussões e críticas, desenvolvendo conceitos que mobilizam reflexões sobre a práxis política e social como a necropolítica (Mbembe, 2018) e a aporofobia (Cortina, 2017). Continua como premente, portanto, a denúncia da idolatria do mercado e a identificação das vítimas sacrificadas pelo sistema. São os indigentes e indivíduos em subempregos que constituem a população de rua, desconhecadora do significado da cidadania viabilizada pela educação e instituições civis. Em outros termos, são os pequeninos identificados como imagens de Jesus que, como ele, subiram ao calvário sem previsão de ressurreição no terceiro dia, daqui a três meses ou daqui a três anos. (Pereira, 2018, p. 41)

Esse quadro resulta no recrudescimento da adoção de políticas pautadas em princípios ultraconservadores que revelam a onda crescente e ameaçadora do neofascismo no mundo e no Brasil. Violência, intolerância, preconceito, injustiças são traços concretos dessa realidade que reclamam expressões de uma espiritualidade não escapista ou alienada, e sim comprometida da fé.

Considero oportuno neste ponto fazer recurso à memória de Dietrich Bonhoeffer, cuja concepção sobre a Igreja o levou a conceituá-la como “Cristo existindo como comunidade”, que assume sua forma na realidade mundana, compreendida como a realidade de Deus. Essa comunidade, que não necessariamente se denominará religiosa, revelaria Jesus Cristo em sua face diaconal, como servo que abnegadamente expressa o serviço pelo “olhar a partir de baixo”, aos menos favorecidos, como demonstração do sentido da ontologia eclesiológica que consiste em “estar-aí-para-os-outros”: “igreja só é igreja quando está aí para os outros”. (Pereira, 2020, p. 635)

Sim, como grande desafio hoje, em luta anti-idolátrica, se colocaria a interlocução da Igreja com a massa excluída e oprimida, muitas vezes seduzida e manipulada pelos discursos políticos messiânicos, que se acotovela nos coletivos, enche o Maracanã em época de campeonato, e alimenta-se muitas vezes de falsas promessas, o “povo marcado, povo feliz” cantado por Zé Ramalho. Auscultando, acolhendo e conscientizando sobre a justiça, solidariedade e partilha como sinais do Reino de Deus, realidade acima de qualquer instância confessional, como sujeito da história.

Se Deus, para revelar-se, escolhe o caminho escandaloso da opção pelos pobres e excluídos, também cada cristão, para se revelar, isto é, para encontrar a verdade nuclear a seu respeito, e assim se realizar como homem novo em Cristo, deverá ser solidário com os excluídos. (Feller, 1995, p. 120)

Considerações finais

Parafraseando Hebert Viana, lembrando que antes de viver da arte da fé, sem saber no que crer, todo dia, o sol da manhã vem e desafia outros sujeitos da história, aqueles identificados nos contingentes de pessoas excluídas e oprimidas da nossa sociedade, “trazendo do sonho pro mundo quem já não queria”, que têm nutrida e fortalecida sua fé pela seiva da espiritualidade libertadora, indicando assim a nova realidade utópica do Reino.

Desejo encerrar este texto reafirmando meu/nosso compromisso com a vida e o Deus doador e preservador desse dom:

Creio na Vida como presente
Mesmo aquela franzina
Que explode de um ventre inchado
No fundo de um barraco escuro
- dádiva terna da Força Criadora.

Creio na Vida como conquista
Mesmo aquela que precisa ser
Invadida, tomada, ocupada;
A terra, o teto, a cidadania, a dignidade;
Promessas a serem conquistadas
_ tarefa vital da Palavra Encarnada.

Creio na Vida como partilha
Mesmo aquela que é escassa
Que tira do que não tem
O suficiente para alimentar
A multidão dos nossos sonhos:
Pão para a alma, saúde para o espírito,
Ternura para o corpo;
_ expressão visível da Consolação Eterna.

Luiz Carlos Ramos, 2000

Questões para reflexão

1. Quais ações antiaporofóbicas poderiam ser cogitadas na nossa cidade?
2. Como pensar em uma formação da consciência crítica sobre os novos desafios à fé?
3. Quais grupos de diálogo poderiam ser constituídos para refletir a respeito de estratégias para o exercício da cidadania?

Referências

- ADRIANO FILHO, José; ROSA, Wanderley Pereira da (Orgs). *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: a Conferência do Nordeste 50 anos depois (1962-2012)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- RAMOS, Luiz Carlos. In: ALVES, Rubem (org.) *Culto Arte. Celebrando a Vida. Tempo Comum*. Petrópolis: Vozes, p. 62, 2000
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- CORTINA, A. *Aporofobia, el rechazo al pobre. Un desafío a la democracia*. Barcelona / Buenos Aires / México: Paidós, 2017.
- FELLER, Vitor Galdino. *A revelação de Deus a partir dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- METZ, J. B. *Memoria passionis: Una evocación provocadora em una sociedade pluralista*. Santander: Salterae, 2007.
- PEREIRA, Gerson Lourenço. “O desafio da dimensão social e política da fé”. In: SUCUPIRA, João Antônio Silveira Lins et al. *Cultura religiosa: diálogos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, p.35-44, 2018.

_____. “Dietrich Bonhoeffer: uma inspiração para a práxis política e social da Igreja”.
Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 24, n. 66, p. 621-640 set./dez.2020.
SUNG, Jung Mo. *Sementes de Esperança: a fé em um mundo em crise*. Petrópolis: Vozes, 2005.
TILLICH, Paul. *Textos selecionados*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.